


OS ARQUÉTIPOS DE LILITH, EVA E MARIA E O ADOECIMENTO FEMININO: UMA ANÁLISE JUNGUIANA


LILITH, EVE AND MARY ARCHETYPES AND FEMALE ILLNESS: A JUNGIAN ANALYSIS


Recebido em: 07/11/2025

Aceito em: 17/04/2026

Publicado em: 10/06/2026

Vivianni de Matos Gama¹ 
Faculdade Anhanguera

Rita de Cássia Souza Tabosa Freitas² 
Universidade de Pernambuco

Lis Meire Pedrosa Brasileiro³ 
Universidade de Pernambuco

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre o processo de estruturação da psique feminina levando em consideração os arquétipos de Lilith, Maria e Eva com base na Psicologia de Jung, Psicologia Analítica, trazendo um paralelo do crescente dos índices de adoecimento psíquico, principalmente no que se refere as neuroses. Tendo como hipótese a ideia de que tais arquétipos podem limitar e determinar os papéis socialmente impostos referentes ao gênero e, dessa forma, provocar o adoecimento do feminino, a partir do questionamento feito de como os arquétipos de Lilith, Maria e Eva difundidos pelas religiões de matrizes judaico-cristãs podem contribuir para o as diferentes formas de adoecimento do feminino. A ideia da escrita surge a partir da experiência de consultório, ao buscar aplicar a Psicologia Analítica como modo tratamento para essas mulheres e perceber que há uma narrativa comum em vários processos de adoecimento. A metodologia escolhida foi a indutiva, sendo essa pesquisa qualitativa e bibliográfica, não deixando de ser de alguma forma fenomenológica, pelo uso das experiências narrativas ouvidas nos tratamentos. Conclui-se que a formação religiosa predominante da mulher brasileira é um dos fatores importantes para seu adoecimento, quando ela busca seguir regras e estereótipos e esses geram repressão.

Palavras-chave: Arquétipos; Gênero; Repressão; Psicologia Analítica.

Abstract: This article aims to discuss the process of structuring the female psyche taking into account the archetypes of Lilith, Maria and Eva based on Jung's Psychology, Analytical Psychology, bringing a parallel of the increasing rates of mental illness, especially as far as the neuroses are concerned. Hypothesizing the idea that such archetypes can limit and determine the socially imposed roles related to gender and, in this way, cause the illness of the female, based on the questioning made of how the archetypes of Lilith, Mary and Eve spread by the religions of Judeo-Christian matrices can contribute to the different forms of female illness. The idea of writing arises from the experience of the office, when seeking to apply Analytical Psychology as a way of treating these women and realizing that there is a common narrative in various processes of illness. The chosen methodology was the inductive one, being this qualitative and bibliographical research, not letting it be phenomenological in any way, due to the use of the narrative experiences heard in the treatments. It is concluded that the predominant religious formation of Brazilian women is one of the important factors for their illness, when they seek to follow rules and stereotypes, which generate repression.

Keywords: Archetypes; Gender; Repression; Analytical Psychology.

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade de Pernambuco. Professora de Psicologia da Faculdade Anhanguera de Brasília. Brasil, Distrito Federal, Brasília. E-mail: vivianni.gama@gmail.com

² Doutora em Filosofia pela UFPB. Professora adjunta da Universidade de Pernambuco, professora permanente do programa de Práticas e Inovação em Saúde Mental da Universidade de Pernambuco e do Programa de Pós Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade de Pernambuco. Brasil, Pernambuco, Garanhuns. E-mail: rita.freitas@upe.br

³ Mestre em Psicologia pela Universidade de Pernambuco. Brasil, Pernambuco, Garanhuns. E-mail: lismeirepedrosa@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

O Brasil, apesar de ser um Estado que se intitula como laico, pois uma das prerrogativas da Constituição Federal de 1988 é a liberdade de expressão religiosa, é uma nação que possui em suas bases moral, axiológica e jurídica nos fundamentos cristãos. De acordo com censo do IBGE (2010) 86,8% da população brasileira é formada por pessoas que se identificam como cristãs, dos quais 64,6% é constituído por católicos e 22,2% por evangélicos. A parcela formada por espíritas corresponde a 2,0%. O número de pessoas que seguem religião de matrizes africanas representa 0.3%, há também grupos de outras religiões, como judaísmo, islamismo, hinduísmo e tradição indígena. Ao todo, foram encontrados mais de 40 grupos religiosos no Brasil. O que demonstra a diversidade religiosa existente no país. Outro dado interessante presente no censo de 2010 é que houve um aumento do número de pessoas que se declaram sem religião (8%) e que os homens são a maioria nesse grupo.

Apesar de toda a diversidade de formação em seu processo histórico e na configuração de seu povo, já que se estima que mais de 60 povos de nacionalidade e etnias diferentes imigraram e fizeram parte processo da constituição do que hoje chamamos de povo brasileiro (Boechat, 2014), além da presença de cerca de 1.400 povos indígenas antes da invasão portuguesa (Oliveira; Freire 2006), podemos afirmar que toda essa mixagem forma o que hoje chamamos de cultura brasileira. No entanto é inegável a existência de três grupos étnicos principais: a população branca de origem portuguesa, a população negra africana escravizada e a população nativa indígena. Essa constituição étnica plural não se consubstanciou é uma diversidade cultural e religiosa com a mesma importância, sendo a matriz europeia a predominante criando-se um ambiente de etnocentrismo.

Uma das comprovações da “superioridade” da cultura europeia pode ser percebida na importância da religião cristã, pois apesar da pluralidade de grupos religiosos existentes no país, as religiões de matriz judaico-cristã sempre estiveram presentes e atuando na estruturação psíquica do brasileiro, desde o processo de colonização e catequização dos índios até a participação na política na atualidade, pois a bancada cristã ou da Bíblia é uma das mais poderosas no Congresso Nacional. A cristianização do Brasil foi mais do que um movimento de Contrarreforma, sendo a base de dominação da população nativa, possuindo na sua atuação o objetivo de desconstruir a formação religiosa dos povos originários e fazer uma expansão das ideias do cristianismo, massacrando toda uma cultura religiosa ancestral a partir de um olhar ocidental e colonizador, que vê com inferioridade tudo aquilo que é diferente.



Isso evidencia a religião, desde do início do nosso processo de formação enquanto nação serviu como um processo de construção cultural e de morte as diferenças. Cultura ancestrais foram rotuladas de demoníacas, inferiores, provocativas. O medo da diferença se transformou em um eficiente instrumento de controle. Aqui também pode se aplicar a ideia defendida por Qualls-Cobertt (1990) de que tudo aquilo que é desconhecido, por gerar medo, serve como justificativa para ser uma das vias da dominação, como um controle biopolítico.

Na condição de matriz religiosa predominante, o Cristianismo trouxe uma valorização do patriarcado e desvalorização do matriarcado, o que, por consequência, ocasionou uma distorção da figura, do conceito, da ideia do que é ser mulher dentro de uma sociedade que define bem os papéis que cada um pode exercer. Nessa nova sociedade as construções de gênero começam a se fazer presentes. Como explica Nancy Qualls-Corbett (1990) em seu livro “A Prostituta Sagrada”, dentro de uma visão religiosa cristã, a figura do feminino, da Deusa desaparece por completo e ela é substituída por figuras masculinas de poder.

Contudo a imagem do sagrado feminino não desaparece por completo, uma visão dos cultos pagãos de matriz europeia cria um certo sincretismo religiosos. Quando se fala do catolicismo tem-se, mesmo que de maneira distorcida, uma figura feminina retratada como “Maria”, possuindo um simbolismo da mulher santa, pura e imaculada, trazendo consigo qual o lugar da mulher em uma sociedade ideal. Ela não possui status de Deusa como nas religiões matriarcais, mas da pureza e da castidade protegida pelo patriarcado e que é feliz na sua vida privada e submissa. A Igreja Católica cultua Maria e chega a lhe dar um status de santa, daquela que advoga a favor dos homens, da doçura da mãe resiliente e compreensiva, que ama incondicionalmente os seus filhos. Com Maria, a mulher católica encontra um lugar, feito pelos homens e sem as suas escolhas.

O cristianismo, entretanto, ainda poderia negar mais o universo feminino e isso ocorre com o Protestantismo. Dentro de uma visão protestante uma figura como Maria como ideal de perfeição desaparece por completo e há uma valorização unicamente do masculino. Qualquer menção ao sincretismo pagão que pode ressignificar um lugar para a mulher some. A própria ideia da Trindade corrobora para isso, onde se vê o simbolismo do sagrado em três figuras masculinas. A Deusa deixa de ser cultuada para se dar lugar um Deus de três faces (Pai, Filho e Espírito Santo). Nessa dinâmica a mulher já começa a ocupar um não lugar no mundo social e político, que se traduz em uma perfeita objetificação do feminino e sua colocação em um lugar de completa submissão.

Mas a narrativa do feminino no universo cristão é paradoxal e possui as suas lacunas, os seus vazios. Não é somente a figura de Maria a santa que se faz presente e auxilia na construção de papéis de gênero, outras figuras, ou arquétipos também aparecem dentro de um contexto judaico-cristão, como Lilith simbolizada como o demônio e Eva simbolizada como o pecado. Dentro desse cenário, é importante questionar quais efeitos tais arquétipos possuem no processo de estruturação psíquica da mulher, principalmente ao se observar o crescimento do número de pessoas com adoecimento psíquico na população mundial como um todo.

De acordo com a OPAS/OMS (2021), o Brasil lidera o ranking no número de pessoas com ansiedade e depressão, sendo que as mulheres são as mais afetadas. Os homens, por sua vez, são mais atingidos pelo uso e abuso de álcool e outras drogas, porém, se faz necessário o questionamento importante para problematizar até que ponto as pesquisas retratam a realidade e até que ponto eles funcionam como espécie de atributo para se manter a ideia de que não se precisa levar em consideração que mulheres não possuem problemas de abuso de álcool e outras drogas.

Assim, o presente artigo tem como objetivo discorrer sobre o processo de estruturação da psique feminina levando em consideração os arquétipos de Lilith, Maria e Eva com base na Psicologia de Carl Gustav Jung, Psicologia Analítica, trazendo um paralelo do crescente dos índices de adoecimento psíquico, principalmente no que se refere as neuroses. Tendo como hipótese a ideia de que tais arquétipos podem limitar e determinar os papéis socialmente impostos referentes ao gênero e, dessa forma, provocar o adoecimento do feminino, a partir do questionamento feito de como os arquétipos de Lilith, Maria e Eva difundidos pelas religiões de matrizes judaico-cristãs podem contribuir para as diferentes formas de adoecimento do feminino.

A metodologia seguida para a elaboração desse artigo foi feita a partir uma análise qualitativa, com uma abordagem indutiva, utilizando-se da pesquisa bibliográfica como base para criar os referenciais teóricos necessários para discutir como o adoecimento psíquico das mulheres brasileiras possui raiz na construção de seu lugar dentro do ideário cristão. Mas antes de discorrer sobre o assunto, se faz importante falar sobre a definição de alguns conceitos da Psicologia Analítica.

O INCONSCIENTE, OS ARQUÉTIPOS, ANIMA E ANIMUS, COMPLEXOS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG

A existência de uma estrutura que vai além daquilo que podemos perceber, ou seja, aquilo que é inconsciente foi trazida ao conhecimento e difundida no mundo acadêmico por

Freud. Ao invés de desprezar fatores obscuros da psique dos seus pacientes, ele teve a expertise de suspeitar que por detrás desses fatores poderiam haver conteúdos importantes e passou a pesquisá-los afim de se ter um maior entendimento e se eles possuíam de fato algum significado. O inconsciente seria o arsenal que contém os fatos esquecidos e o material reprimido, por não terem aceitação moral, destoarem dos costumes vigentes (aspectos culturais), ou por não serem compatíveis com os status acadêmicos e sociais ocupado, de acordo com Freud (Jung 2013a).

Entretanto, Jung percebeu que as vezes faziam luz à psique de seus pacientes conteúdos que não era de conhecimento deles, por exemplo, sonhar com elementos culturais de uma cultura que nunca se teve contato, ou ainda, de elementos ancestrais de características histórica. Essa descoberta o fez levantar a hipótese de que haveria um depósito de conhecimentos que ia além do individual, que eram fruto de um conhecimento acumulado ao longo de toda uma ancestralidade, a toda uma humanidade.

Ainda de acordo com Jung, o consciente possui todo o conteúdo que possui valor limiar, e que o inconsciente irá manter todas as fantasias que ainda não ultrapassaram a intensidade desse limiar, sendo que a consciência irá realizar uma espécie de censura a esses conteúdos que são inconscientes (Jung, 2013a). Nessa temática, ele ainda propõe a ideia de que o inconsciente é composto por duas camadas: o inconsciente individual ou pessoal e o coletivo.

No inconsciente pessoal estão os conteúdos provenientes da vivência do indivíduo, não somente aqueles conteúdos recalçados, mas também aqueles que não foram objeto de interesse ou estimulados a se desenvolver. No inconsciente coletivo estão presentes todas as experiências, o conhecimento, a cultura já produzidos pela humanidade, ou seja, as predisposições comuns a toda humanidade. É nessa camada que tem a atuação dos arquétipos (Jung, 2013 a).

Conforme postula Jung arquétipo são “Formas e imagens de natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos dos mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctones individuais de origem inconsciente” (Jung, 2012, p.68). São, portanto, repositórios de toda a experiência da humanidade e que se repetem constantemente. Essa repetição, carregada de valores afetivos faz parte da história, do acervo da humanidade e descansa no inconsciente coletivo, ou seja, eles são os substratos imprescindíveis a psique inconsciente, não podendo ser determinados por aquisições pessoais.

A atividade dos arquétipos e sua influência podem ser percebidas em qualquer lugar

Por exemplo, nas nossas relações, em como acreditamos que nossos parceiros devem se comportar, ou como nossos pais, professores, ou qualquer outra figura. Todas as representações e ideias da humanidade ascendem dos arquétipos. São eles que limitam todas as forças instintivas. Eles simbolizam ações típicas da vida, apresentam fatores de influência no comportamento humano e atuam na personalidade total do indivíduo (Jung, 2013a). Nessa camada da psique humana tem-se a presença da *Anima* e do *Animus*.

Anima e Animus são dois arquétipos do inconsciente de um indivíduo que contrapõem a sua personalidade. Funcionam como contrapartes sexuais, assim, toda mulher terá seu *Animus* e todo homem terá sua *Anima*. Assim o *Animus* corresponde ao lado masculino da psique e a *Anima* compõe o lado feminino da psique, conforme diz Jung (2013b). Esses dois arquétipos representam a dualidade da personalidade, a integração de componentes opostos que é capaz de trazer equilíbrio e auxiliar no processo de individuação do sujeito. A *Anima* e o *Animus* são arquétipos que simbolizam a experiência com o feminino e o masculino ao longo da história da humanidade.

Na proposição teórica de Jung (2009) em *Desenvolvimento da Personalidade*, estabelece-se que a contraparte inconsciente da psique feminina é orientada pelo arquétipo do *Animus*, diferentemente da psique masculina, que possui a *Anima* como fator inconsciente. Conseqüentemente, infere-se que a mulher experiencia a *Anima* — a representação do feminino — primordialmente em sua dimensão consciente, por meio da vivência direta de sua própria identidade de gênero. Todavia, essa apreensão do que significa o ser feminino não ocorre de forma isolada, manifestando-se frequentemente de maneira distorcida e impositiva em decorrência das pressões de uma estrutura social patriarcal. Desse modo, o processo de individuação da mulher evoca a elaboração de sua relação com o arquétipo da *Anima* e com as representações do feminino que permeiam sua experiência psíquica. Tal arquétipo pode manifestar-se de maneira positiva ou negativa, influenciando a constituição da personalidade. Para Qualls-Corbett (1990), esse desenvolvimento ocorre por meio de quatro estágios simbólicos: Eva, Helena de Troia, Virgem Maria e Sofia, que representam diferentes formas de vivenciar e integrar o feminino. Para isso, é necessário que a mulher passe pelos quatro estágios de desenvolvimento. São eles: Eva, Helena de Tróia, Virgem Maria e Sofia (Qualls-Cobert, 1990). Não se pode falar nessa fase sem se explicitar o que significa complexos.

Para Jung, complexo é definido como “[...] imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitudes emocionais da consciência” (Jung, 2013a, p. 43). São conteúdos de matriz afetiva, que antes

era registrados como falhas de reação.

Os complexos possuem relativa autonomia em relação aos demais conteúdos da consciência. Segundo Jung (2013a), eles podem emergir e desaparecer independentemente do controle consciente, escapando, muitas vezes, à ação inibidora da consciência. Em razão dessa autonomia, os complexos podem assumir um caráter possessivo, comprometendo a capacidade adaptativa do indivíduo.

Para Jung (2012), os complexos correspondem a conteúdos psíquicos dissociados da consciência, separados dela por mecanismos de repressão. Em certas situações esses complexos podem ser ativados, quando isso ocorre significa é dito que o complexo constelou. Todo complexo possui um núcleo arquetípico, o que evidencia a estreita relação entre complexos e arquétipos na dinâmica psíquica. A partir dessas formulações teóricas da Psicologia Analítica, torna-se possível analisar os arquétipos femininos produzidos pelo cristianismo à luz da teoria junguiana.

LILITH, EVA, MARIA: UMA ABORDAGEM DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Na sociedade brasileira moderna, a mulher conquistou igualdade jurídica em relação ao homem como o que é disposto na Constituição Federal de 1988, que assim versa em seu artigo 5º, I: “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição” (Brasil, 2021), porém, as condições de igualdade ainda não são vividas em sua totalidade. Para exemplificar essa disparidade é só observar o aumento no número de casos de feminicídio no ano de 2019 e as constantes pesquisas que ainda mostram que mulheres recebem salários menores comparados aos dos homens.

Outro exemplo dessa profunda desigualdade está no fato de se ter uma legislação específica para dar conta do homicídio praticado contra a mulher, pelo fato dela ser mulher, por uma questão de gênero, como a existência da Lei 13.104/15, que altera o Código Penal para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Sem falar nas discussões que precederam e até hoje reverberam na aplicação da Lei Maria da Penha, Lei 11.340/2006, demonstrando o quanto essa igualdade ainda não se faz presente na construção social pois a violência de gênero é algo que se “normalizou” na cultura popular.

Ao longo da história da humanidade, a mulher sempre esteve associada ao desconhecido, ao numinoso e, geralmente aquilo que é desconhecido provoca medo e o medo gera repressão. Para Qualls-Cobertt (1990), o que talvez consiga começar a dar conta de

explicar porque a mulher tem sido reprimida e colocada em uma posição de subordinação ao homem desde a ascendência do patriarcado.

Com a substituição do matriarcado para o patriarcado, a visão de que se tem da mulher começa a mudar e a Deusa passar a dar lugar ao Senhor, a um Deus, um homem. Sobre esse assunto Qualls-Corbett (1990, p. 18) afirma que “quando o feminino divino, a deusa, deixa de ser reverenciado, estruturas sociais e psíquicas tornam-se supermecanizadas, superpolitizadas e supermilitarizadas”.

Nessa nova lógica de religião e de poder, a figura da mulher, até então vista como Deusa, tornou-se Eva, aquela vista como a materialização da sedução, é tentada por forças demoníacas e que tenta o homem, causando sua ruína. Nesse momento também a existência de Eva simboliza a ideia de que os desejos sexuais e físicos precisam ser reprimidos. Nesse sentido, o culto a Deusa - a que renova a vida e traz amor, fertilidade, criatividade e transformação- se torna representado na trindade do masculino, porém, em um primeiro momento ainda permitia-se o culto a Maria, mas não a adoração, afim de se evitar que a veneração a Deusa possa ser reestabelecida por meio dela (Qualls-Cobett, 1990).

É interessante pensar que o arquétipo da *Anima* costuma ser o responsável por proporcionar transformação, é mais intuitivo e está mais aberto a uma função transcendental (Jung, 2013c), ou seja, é o feminino que se relacionada com esse amor e fertilidade da vida.

Como afirma Jung (2013) em “Psicologia e religião”, o inconsciente transforma o simbolismo da Trindade (Pai, Filho e Espírito- Santo) em uma quaternidade, o círculo sagrado, que era representado pelos antigos filósofos pela *somaton*, a Virgem. Desta maneira, eles acrescentavam o feminino à Trindade. Assim:

[...] o inconsciente, muitas vezes, é personificado pela *anima*, uma figura feminina. Ao que parece, o símbolo da quaternidade provém dela. Assim, pois, ela seria a matriz, a terra-mãe da quaternidade [...] Mas como a mulher, da mesma forma o mal, são excluídos da divindade no dogma da Trindade... Não é preciso um esforço especial da fantasia par adivinhar as imensas consequências espirituais deste simbolismo (Jung, 2012, p. 83).

Tal afirmação de Jung é interessante a partir do momento em que ele coloca a mulher como símbolo da trindade, que se transforma em quaternidade. Posteriormente, ele também fala sobre a *anima* apresentar quatro estágios de desenvolvimento. Ao se falar em exclusão e no fato do feminino ter sido retirado da trindade santa, uma personagem se faz presente à memória: Lilith.

Lilith é uma personagem, um mito que não aparece nos livros oficiais da Bíblia, ela pertence aos chamados livros apócrifos. Sua citação mais antiga é datada dos séculos VIII e X a.C, ela é tida como a primeira mulher de Adão. O imaginário sobre Lilith povoa atualmente o imaginário e a expressão da subjetividade, não só dos movimentos feministas e de gênero, mas de todo aquele que luta de alguma forma pela igualdade da mulher (Gomes; Almeida 2007).

O mito de Lilith afirma que, ao contrário de Eva, ela não foi criada a partir da costela de Adão, foi criada a partir do barro assim a imagem e semelhança de Deus, assim como Adão, por esse motivo ela gozava de sua sexualidade e se recusava a ser submissa aos homens, se recusando também a servir sexualmente aos homens. Por cultivar sua liberdade e lutar por igualdade, se fazia presente existência constante de conflitos entre Lilith e Adão. Acredita-se que a liberdade sedutora que ela produzia afastava Adão de sua espiritualidade. As tradições orais dão conta do fato de que a relação entre ambos era marcada pela paixão e que isso fazia com que Adão se entregasse a luxúria (Gomes; Almeida, 2007).

Após sucessivos conflitos decorrentes da recusa de Lilith em aceitar uma posição de submissão dentro da lógica patriarcal e da rejeição de Adão à igualdade por ela reivindicada, Lilith é expulsa do Paraíso e condenada ao exílio no Mar Vermelho como forma de punição. Outras versões da narrativa afirmam que lhe foi oferecida a possibilidade de permanecer no Paraíso desde que aceitasse a submissão, ou partir para o exílio, tendo ela escolhido a segunda alternativa. Dessa forma, Lilith torna-se símbolo da recusa em aceitar uma condição de inferioridade em relação ao homem. Tal conflito também se manifesta no âmbito da sexualidade, uma vez que, embora a tradição lhe atribua grande liberdade sexual, Adão insiste em ocupar uma posição de superioridade nas relações, buscando afirmar sua dominação não apenas sexual, mas também relacional, postura que Lilith rejeita de forma incisiva (Gomes; Almeida, 2007; Barreto; Cecarelli, 2015). De acordo com a lenda, o Mar Velho era morada dos demônios, momento em que ela se transforma em um demônio feminino. Em algumas narrativas, ela, já como demônio volta ao paraíso em forma de serpente, sendo responsabilizada pela tentação que Eva sofreu (Gomes; Almeida, 2007). Lilith seria um símbolo judaico do mal enquanto tentação, daquela que provoca e testa o homem quanto a suas ações no bem. Nesse sentido, Lilith é:

[...] marcada pelo seu desejo de liberdade, de autodeterminação, espontaneidade no modo de agir, de escolher e decidir, ou seja, quer os mesmos direitos do homem. Sua constatação de que a sociedade patriarcal não lhe concederia status igual, coloca a rebeldia como única alternativa para conseguir este desiderato. Lilith se rebelou e, decidida a não submeter-se ao homem e, a odiá-lo como igual, resolveu abandoná-



lo...É este caráter maligno de Lilith que a levou a enfrentar e contrariar o homem e a questionar o poder do macho sobre a fêmea (Gomes; Almeida 2007, p. 11).

Ainda de acordo aos relatos, Adão fica triste com a partida de sua esposa Lilith, sente-se sozinho e reclama a Deus por sua solidão e, nesse momento Eva então é criada para minimizar a perda sofrida por Adão. É importante destacar que pela tradição oral judaica, Lilith é criada ao mesmo tempo de Adão e também é gerada do barro, isso lhe daria o status de igualdade plena, reivindicada por ela. Outro ponto que merece destaque é que Lilith é expulsa após ter pronunciado o nome de Deus, que é impronunciável pela tradição judaica, em um gesto de profunda rebeldia.

Eva então, é aquela que nasce da costela de Adão e, por esse motivo deve submissão a ele. Ela é criada então, para ser a auxiliar de Adão, porém, cai em tentação, prova o fruto proibido da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, da serpente o oferece a Adão que ele também o prova. Assim, Adão e Eva são expulsos do Paraíso em razão da mesma falta associada a Lilith: a desobediência.

A narrativa bíblica atribui a Eva a responsabilidade pela queda da humanidade, legitimando, simbolicamente, mecanismos de controle sobre os corpos e a sexualidade feminina. Como consequência de sua transgressão, ela é condenada a suportar as dores do parto como forma de punição (Gomes; Almeida, 2007). Essa perspectiva contribuiu para a associação da maternidade ao pecado, derivada da concepção de que a sexualidade seria algo impuro, vergonhoso e pecaminoso. Não por acaso, a figura de Lilith, durante a Idade Média, foi frequentemente associada aos demônios sexuais.

Ainda hoje, é comum encontrar referências aos seres humanos como frutos do pecado original, atribuído ao ato cometido por Eva. Contudo, segundo a narrativa bíblica, após a transgressão representada pelo consumo do fruto proibido, Adão responsabiliza Eva, que, por sua vez, atribui a culpa à serpente. Como consequência, os três recebem punições: a serpente é condenada a rastejar, o homem ao trabalho árduo e a mulher às dores do parto.

Nesse contexto, é interessante pensar no simbolismo que traz essa punição porque, além de colocar a mulher em uma situação de dependência do homem, difundir a ideia de trabalho como punição, ela também determina que mulheres e cobras serão inimigas mortais, mas se, de acordo aos relatos, cobra é Lilith em forma de demônio. Então a mulher e esse demônio seriam inimigos.

Eva é criada para ser o oposto de Lilith, obediente, com belos traços, e submissa, a esposa que Adão não teve (Gomes; Almeida, 2007). É nesse momento que os papéis de gênero



começaram a ser construídos no que se refere a mulher (Barreto; Cecarelli 2015; Prado *et al.*, 2024). De acordo com os textos bíblicos, Eva é a primeira mulher de Adão, a que criada após Deus observar que todos os animais possuíam um par, com exceção do homem. Só esse fato já difunde a ideia da mulher como um ser inferior ao homem.

Eva é a mulher que não fala, a filha do silêncio, está cercada por Adão, por Deus, por estes que estão autorizados a falar, os que são os senhores do dito. A ela só cabe ouvir. A única vez que falou por conta própria foi vítima da sedução, mas não foi vista como vítima, ela foi punida pelos seus erros, pois, como Pandora, se deixou conduzir pela curiosidade. Ela foi predatoriamente silenciada pela punição, por aqueles que lhe tolheram a narrativa. Como denuncia Solnit (2017, p. 33), “tiraram-lhe a voz para recusar e lhes infligiram histórias inacreditáveis. Inacreditável significa que os poderosos não queriam saber, ouvir, acreditar, não queriam que ela tivesse voz”.

A partir dessa ideia de construção de papéis de gênero, em que a mulher é estigmatizada, silenciada, vilipendiada, outra figura surge como um contraponto a Eva, traidora do marido e do Senhor: Maria, a mãe de Jesus (Apesar de haver outras personagens chamadas “Maria” ao longo dos textos bíblicos, esse trabalho se limitará a falar de Maria, mãe de Jesus).

O relatado nos textos bíblicos é que Maria foi uma virgem que foi escolhida para gerar o Salvador da humanidade. Um paradoxo se apresenta na imagem da mulher e da maternidade nesse momento: a maternidade deixa de ser vista como punição e pecado e passa a ser vista como algo puro, imaculado, diferente da maternidade proporcionada por Eva (Barreto; Cecarelli 2015). Através da maternidade a mulher alcança status de santa, de Deusa. Mas a maternidade pura tem um preço: a não existência do pecado do sexo.

Segundo a tradição cristã, Maria concebe Jesus por obra do Espírito Santo, dando à luz ao Deus encarnado e preservando sua virgindade. De acordo com a doutrina católica, essa condição permanece mesmo após seu casamento com José. Em contraste com a figura de Lilith, associada à liberdade sexual, Maria passa a representar a contenção e a negação da sexualidade feminina. Dessa forma, difunde-se a concepção de que a sexualidade da mulher não deve ser plenamente vivenciada e, muito menos, valorizada.

Maria constitui, assim, o arquétipo da mulher santa, pura e casta. Sua imagem está associada a uma maternidade idealizada e sacralizada, contribuindo para a construção do imaginário social segundo o qual a realização feminina estaria vinculada à experiência da maternidade (Barreto; Cicarelli, 2015). Conforme aponta Qualls-Corbett (1990), Maria também assume, ainda que de forma limitada e distorcida, a principal representação do feminino dentro

da tradição judaico-cristã, especialmente no catolicismo.

Nas tradições protestantes, por outro lado, a centralidade de Maria é significativamente reduzida, o que enfraquece a presença simbólica do feminino no âmbito do sagrado. Nesse contexto, Maria consolida-se como o arquétipo feminino ideal da lógica cristã: uma mulher virgem, pura e maternal, cuja sexualidade é simbolicamente dissociada de sua identidade após a maternidade.

Um aspecto recorrente nas narrativas de Lilith, Eva e Maria é a centralidade atribuída à sexualidade feminina e às formas de seu controle. Na tradição relacionada a Lilith, um dos motivos de sua rebeldia estaria na recusa em ocupar uma posição de submissão nas relações sexuais, reivindicando igualdade em relação a Adão (Gomes; Almeida, 2007). Já a narrativa da criação de Eva a insere em uma lógica de subordinação ao homem, inclusive no âmbito da sexualidade (Barreto; Cecarelli, 2015). Por sua vez, a figura de Maria representa a dissociação entre feminilidade e sexualidade, consolidando um ideal de pureza e castidade.

Essas representações evidenciam diferentes formas de regulação da sexualidade feminina ao longo da tradição judaico-cristã. Nesse sentido, o controle da sexualidade pode ser compreendido como um mecanismo biopolítico que ultrapassa o âmbito individual, contribuindo para a normatização dos corpos e dos comportamentos sociais. Assim:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação as mais variadas estratégias (Foucault, 2020, p. 112).

Nos textos bíblicos, os principais arquétipos da mulher são: Eva – aquela que traz o pecado para a humanidade e se torna responsável pela ruína dessa- e o de Maria – a mulher santa que traz ao mundo aquele que irá salvar o homem do pecado. Essa dualidade demonstra dois opostos da figura do feminino, a virgem e a pecadora, porém, ambas são valoradas em relação a sua vivência com o masculino, pois se Eva é a pecadora porque tenta Adão, Maria é a santa por gerar Deus encarnado. Em outras palavras, ambas são construídas a partir do homem e não de si própria. Já Lilith é expulsa completamente da história e dos textos bíblicos, se for levado em consideração o relato de que Lilith é a cobra que tenta Eva, então, ela é mencionada na Bíblia como demônio, e, mesmo assim, a imagem atribuída seria a de um demônio sedutor.

Outro fator relevante é de que Lilith ao tentar Eva, ela não estava em busca de igualdade com o homem, mas sim com o próprio Deus (Gomes; Almeida, 2007). Para muitos estudos da religião, Lilith representa o lado negativo da *Anima*, aquele mais primitivo. Ampliando essa

ideia, Lilith é a mulher em seu estado natural antes de ser corrompida por questões culturais. O que evidência o quanto as relações culturais também são importantes para constituição e manifestação de subjetividade.

Um outro ponto também pode ser considerado nessa construção do feminino, é que a culpa atribuída a Eva a coloca como aquela que dá ouvidos ao demônio e, tal consideração faz com que mulheres sejam perseguidas, principalmente no período da Inquisição, onde só o fato de ser mulher já a colocava em uma posição de pacto com demônios, feitiços e bruxarias. Assim, o papel da mulher e da sacralidade do feminino passam a ser distorcidos ao longo da história. Colocando a mulher em posição de “exclusão”, “culpa” e para ser cultuada, precisa se tornar a “santa, a casta.

OS ARQUÉTIPOS E O ADOECIMENTO FEMININO: HAVERÁ CURA PARA ESSA DOR?

O tema proposto nesse trabalho “Os arquétipos de Lilith, Maria e Eva e o adoecimento do feminino” surgiu a partir provocações feitas a partir de relatos clínicos e por meio da narrativa de uma psicóloga que atua em um CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas). A psicóloga observou que poucas mulheres procuravam ajuda especializada devido ao estigma de que a mulher não pode ter dependência química. Isso fazia com que essas mulheres se colocassem em extremas situações de risco e vulnerabilidade.

Ao procurar atendimento, elas apresentavam um discurso repleto de culpa e de uma ideia “de ser merecedora” por precisar pagar algo, no sentido de o sofrimento por tal situação ser uma forma de “pagarem seus pecados”. Assim como Eva que recebe a punição da dor do parto como forma de pagar por ter tentado Adão e se tornando responsável pela ruína da humanidade.

O segundo fator foram os inúmeros relatos ouvidos em consultório. Normalmente questões relacionadas a sexualidade vinham com discurso de culpa e obrigação. Culpa por ter fora de um matrimônio e obrigação por ter relações com seus companheiros mesmo sem haver o desejo porque isso é obrigação da mulher. Em um desses relatos, houve uma crise que aconteceu após a participação em um culto religioso.

A partir dessas provocações é que o interesse pelo tema surge, uma vez que a identidade da construção do brasileiro passa pelo cristianismo e, mesmo em praticantes de outras religiões que não cristã é comum observar essa culpa cristã do feminino, essa noção de que a mulher é a culpada por todos os aspectos ruins da humanidade. Isso se falando em uma

lógica de estruturação psíquica do brasileiro, um povo que é constituído por mais de 80% de pessoas que se intitulam como cristãs (entre protestante e católicos).

Além disso, a psiquê é formada, não somente por conteúdos individuais, mas também por conteúdos coletivos que se partilha enquanto humanidade e, a maneira como são simbolizados esses arquétipos influencia na expressão de subjetividade de uma pessoa, principalmente porque os arquétipos são conteúdos do inconsciente, e muito do que se é, é formação desse material, basicamente maior parte da constituição da personalidade é fruto do inconsciente.

Outro fator interessante é que as neuroses são frutos do material recalçado, conforme afirma Freud Jung (2012), ou seja, muito do sofrimento de uma mulher pode vir desses conteúdos que são recalçados por impor papéis muito bem estabelecidos para as mulheres. Por exemplo, uma depressão e uma ansiedade podem estar relacionadas a uma repressão sexual, ou a uma obrigação em se vivenciar a maternidade de maneira santa, ou até mesmo de se aceitar e se perceber como a rejeita, ao se lutar por igualdade. E Assim:

A eliminação, pelo contrário, corresponde a uma decisão moral consciente, ao passo que o recalque representa uma tendência, bastante imoral, de evitar decisões desagradáveis. A eliminação pode causar aflições, conflitos e sofrimentos, mas nunca uma neurose. A neurose é sempre um substitutivo do sofrimento legítimo (Jung 2012, p. 80).

Ou seja, aquilo capaz de curar uma neurose precisa ser tão convincente quanto a própria neurose. E é importante salientar que toda neurose se relaciona com vida mais íntima de uma pessoa, talvez por isso a dificuldade em se falar sobre ela e que toda neurose acompanha um sentimento de desmoralização, o que corrobora com a ideia de Freud de que todo aquele material que não segue as regras sociais ou diferem dos *status* que ocupam, são conteúdos recalçados e jogados para o inconsciente, ou seja, tais aspectos podem voltar em forma de adoecimento.

Mas por que se falar de neurose em um texto sobre o adoecimento feminino? Como explicado, de acordo com a OMS (2021) as doenças mais frequentes na população mundial e que mais acometem mulheres são a depressão e a ansiedade e esses dois diagnósticos fazem parte do rol de doenças que entram na classificação de neurose. E, por também ser interessante o fato de as mulheres serem tão reprimidas ao longo da sua história e, justamente elas serem as que mais manifestam suas neuroses, e essas por sua vez, serem frutos de material reprimidos. Alerta Foucault:

Histerização do corpo da mulher: tríplex processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado- como corpo inteiramente saturado de sexualidade; pelo qual esse corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), como o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que deve produzir e deve garantir, por meio de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo período da educação): a Mãe, com a sua imagem em negativo que é a “mulher nervosa”, constitui a forma mais visível de histerização (Foucault, 2020, p. 113).

A fim de esclarecimento uma busca rápida em qualquer sitio de pesquisa trazem informações que a definem como qualquer perturbação nervosa, com órgãos intactos, ou seja, perturbação de cunho psíquico, histeria. Também porque, de acordo com Freud, sabemos que o tratamento das neuroses deve considerar os fatores emocionais em toda a sua extensão, é preciso levar a personalidade como um todo (Jun, 2013a) e, como já foi dito a totalidade da personalidade só é entendida com a junção desses dois processos: consciente e inconsciente. Além disso, a formação arquetípica é de cunho do inconsciente coletivo e suas manifestações são simbolizados e recebem formas no inconsciente pessoal.

Além disso a neurose se instala a partir do momento em que os complexos constelam na consciência e nada mais se pode fazer para reprimi-los. E todo complexo terá um núcleo arquetípico, ou seja, os arquétipos de Lilith, Maria e Eva podem contribuir para o processo de adoecimento da mulher, por representarem padrões inconscientes que precisam ser chamados a consciência e simbolizados, apesar da natureza determinante dos conteúdos serem trazidos a consciência ter sido algo adquirido tardiamente na história da humanidade (Jung, 2013a).

Ainda de acordo com Jung (2012), as neuroses se relacionam com a vida mais íntima do sujeito e que uma concepção materialista da psique não ajuda muito nos casos de neurose, e, para ele, nem sempre o adoecimento será físico, mas de uma esfera subjetiva ou, como ele mesmo se refere em muitos casos: da alma

Nesse sentido, uma análise profunda desses três arquétipos pode auxiliar no entendimento de como se dá o processo de adoecimento do feminino em uma perspectiva de estruturação psíquica judaico-cristã, principalmente no que se refere a noção de como esses complexos podem constelar diferentemente em cada indivíduo, ou seja, esses papéis bem estabelecidos, que impõem estruturas de gênero mulher podem levá-la a viver uma vida de repressão de sua sexualidade, de seus pensamentos, de sua autonomia e liberdade e isso, pode desencadear inúmeras doenças como, depressão, ansiedade e até mesmo dependência química.

A partir de toda essa perspectiva, talvez um caminho alternativo para a individuação – processo de tornar-se quem se é- (Jung, 2013a) esteja na descrição dos quatro estágios da



anima feito por Jung: Eva, Helena, Maria e Sofia.

Eva corresponde ao primeiro estágio, se referindo a relação puramente sexual e instintiva. O segundo estágio é representado por Helena, ainda se refere uma relação carnal, mas já aparecem componentes românticos e estéticos. O terceiro estágio é representado por Maria e, assim como a construção do arquétipo, está relacionado a relação celestial. Maria representa essa relação. Por último, tem-se o quarto estágio, Sofia, a representação alquímica de *Sapientia*, o eterno feminino (Jung, 2011). De acordo com Gadotti (2017), Sofia apresenta a capacidade de simbolização e a predisposição humana de inclusão e tolerância a tudo que é diferente daquilo que consideramos conhecido.

Tais estágios não precisam seguir, necessariamente, essa ordem descrita por Jung. Eles podem se manifestar de forma aleatório e, também não significa que todas irão passar por todos os estágios e nem que um estágio significa a exclusão do outro. No geral é como se um agregasse ou outro e fosse necessário conviver com todos de maneira equilibrada para se tornar quem se é (Gadotti, 2017)

Uma outra teoria peculiar sobre o assunto são os estudos feitos sobre a figura religiosa de matriz africana. No livro *Alma Brasileira: luz e sombra*, Zacharias (2014) traz uma análise psicológica desse personagem e o coloca como equivalente a figura das Pombas-gira. De acordo com esse autor Exu é aquele que subverte a ordem, é o que realiza o ele entre os opostos, não se fixando nem em uma polaridade e nem na outra, revolucionando o que está imposto afim de evitar a cristalização. Exu é:

Porteiro regulador entre dois mundos, psicopompo⁴ condutor das almas e bode expiatório, acolhendo a maldade e os medos humanos. É o diabo que representa a assombração, sexualidade, a sensualidade, a agressividade, a alegria, a boemia, a malandragem que não encontra lugar no contexto ascético judaico-cristão. É o diálogo possível entre o rejeitado e o aceita, o condenável e o louvável, [...] É a linha tênue que separa o certo do errado [...] Diante dele tiramos a persona e podemos nos ver nem bons nem maus, somente humanos (Zacharias, 2014, p. 148).

No momento em que se vive a unilateralidade, se fixa em uma polaridade, se estabelece uma patologia e a vida, para acontecer, necessita de dinamismo, dessa fluidez. Exu traz essa possibilidade de relativização tão fundamental para a existência. Exu também representa todo o depósito dos conteúdos rejeitados pelas religiões judaico-cristãs como a maldade, o feminino e a sexualidade (Zacharias 2014). Traçando um paralelo com os arquétipos citadas, a maldade e a sexualidade podem ser vistas em Lilith, já o feminino pode ser visto nos três: Maria, Eva

⁴ Mediador entre consciência e inconsciência.

e Lilith. Em outras palavras, assim como Exu, as três figuras citadas fazem parte de um processo de repressão e rejeição dentro da religião judaico-cristã, porém, Exu ainda tem permissão de ir e vir, de fazer a ligação entre os dois mundos. Os arquétipos citados representam uma unilateralidade, a cristalização tão adocedora para a psiquê humana.

Dentro de um contexto de diversidade (como dito anteriormente, mais de 40 grupos religiosos foram encontrados no Brasil) e formação do brasileiro como um povo, com suas características e cultura próprias, é importante citar referências que vão além do processo de colonização branco do país. Ser multicultural significa isso, aprender a agregar conhecimentos e valores que vão além dos impostos.

De um ponto de vista simbólico, a própria história do povo negro é reprimida. Não se estuda e nem se fala da importância da constituição desse povo no processo de formação psíquica brasileira e, quando se fala sobre o assunto, costuma de ser maneira vexatório e com o intuito de inferioriza-la. Os arquétipos cristãos são uma demonstração de que o adoecimento tem relações com a forma unilateral de controlar corpos e comportamentos, de reprimir em lugar de libertar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma análise dos arquétipos citados com base na psicologia analítica, Lilith representaria o lado escuro, negativo e sombrio não só da anima, mas também das mulheres, ou seja, os elementos femininos não integrado na psique humana, em linhas gerais. Em termos da psicologia analítica, Lilith seria o lado obscuro e negativo da anima, ou seja, os aspectos femininos não integrados da psiquê humana.

A da figura de Eva é importante porque é a ela que é atribuída todas as fraquezas do humano, dentro dessa lógica religiosa judaico-cristã. Lógica que atuou no fato histórico de milhares de mulheres serem mortas durante o período da Inquisição, pois, figura do feminino era associada a maldade e ao demônio. Além disso, as estruturas econômicas e sociais, mesmo nos dias atuais, continuam garantindo a permanência desse pensamento patriarcal, que coloca a mulher em uma posição de inferioridade e submissão em relação ao homem.

Já a figura de Maria representa um modelo ideal de mulher dentro de uma religião de matriz judaico-cristã. Essa perfeição só pode ser atingida com a completa repressão sexual e a maternidade, mesmo ela não sendo uma figura feminina que não é rejeitada dentro dessa cultura, suas características são opressoras para o feminino

Felizmente, nos dias atuais, é observado uma transformação da imagem submissa,

culpada, santa, pecadora que é associada a mulher, onde a mulher não é mais objeto de desejo e satisfação do homem. Com isso, essas mulheres poderão começar a ter mais liberdade de expressão dentro dessa cultura patriarcal- cultura essa que também já tem sido questionada. Com isso, pode ser que as características do culto a deusa comecem a retornar e, aspectos como criatividade, afeto e transformação. Porque, como explica Qualls-Cobert (1990) ao comentar Jung sem o feminino vital para contrabalancear o princípio patriarcal coletivo, há certa esterilidade na vida.

É fundamental mencionar que esse resgate do feminino também é saudável para o homem, pois, como dito anteriormente, ambos possuem sua contraparte sexual e, se a mulher possui um *Animus*, o homem possui uma *Anima* e os conteúdos reprimidos ou sombrios da alma podem impactar no processo de transmutação, de individuação de ambos. Assim, somente a possibilidade de se viver a integração desses opostos, a partir do resgate do feminino é que se pode pensar em construir uma sociedade mais justa, igualitária, empática e humana.

Apesar de falar sobre religião, feminino e adoecimento serem assuntos complexos, principalmente, porque religião ainda é tabu na sociedade brasileira, utilizamos as seguintes palavras de Jung (2012) para justificar a escolha do tema:

Visto que a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subentende-se que todo o tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos (Jung, 2012, p. 17).

Assim, podemos perceber que a religião cristã constituiu uma forma de poder biopolítico que condiciona comportamento e rotula as insurgências, de modo a propiciar estratégias e dispositivos de poder que causam adoecimento da psiquê feminina. A cura está em se perceber enquanto mulher envolvida nesses arquétipos e desenvolver estratégias para a possibilidade de romper com essas barreiras sociais. Mas poucas conseguem essa cura, para a maioria resta o adoecimento, as neuroses, a morte como tentativa de se ajustar a um padrão secular imposto como um dogma religioso do que se deve ser.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Ocilene Fernandes; CECARELLI, Paulo Roberto. Eva, Maria e Lilith: corpo de delito. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 43, p. 129–138, 2015.

BOECHAT, W. **A Alma Brasileira: luz e sombra**. Petrópolis: Vozes, 2014.



BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [1988]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 23 nov. 2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo 2010**. Brasília, DF: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 19 maio 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 10. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GADOTTI, Cláudia Morelli. Inclusão e diversidade na imagem feminina de Sofia. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 13-22, 2017.

GOMES, Antonio Maspoli de Araújo; ALMEIDA, Vanessa Ponstinnicoff de. O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea. **Âncora – Revista digital de estudos em religião**, [S. l.], ano 2, v. 2, jun. 2007.

HOPCKE, Robert H. **Guia para a obra completa de C. G. Jung**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl G. **A prática da psicoterapia**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl G. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

JUNG, Carl G. **Psicologia e religião**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl G. **A Natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl G. **Eu e o Inconsciente**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl G. **Psicologia e religião ocidental**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. A presença indígena na formação do Brasil. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Rio de Janeiro: LACED/Museu Nacional, 2006.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OPAS/OMS). **Transtornos mentais**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>. Acesso em: 23 nov. 2021.

PRADO, A. L. R. *et al.* Ascensão feminina e a queda de Adão e Eva: um estudo a partir das teorias de gênero. *Revista de Psicologia da Unesp*, v. 22, n. 1, p. 146-163, 2024. Disponível em: revpsico-unesp.org. Acesso em: 9 jun. 2025.

QUALLS-COBETT, Nancy. **A Prostituta Sagrada: a face eterna do feminino**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. Uma breve análise psicológica de Exu. In: BOECHAT, Walter (org.). A Alma Brasileira: luzes e sombra. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 147-170.